

Dois livros investigam o mito Chico Mendes

JAMES BROOKE
Especial para a Folha

TEMPO DE QUEIMADA, TEMPO DE MORTE - CHICO MENDES, de Andrew Revkin. Tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Editora Francisco Alves (r. 7 de Setembro, 177, Rio de Janeiro; CEP 20050, fone 021-2213198). 348 páginas. Cr\$ 3.800,00.
O MUNDO EM CHAMAS, de Alex Shoumatoff. Tradução de Luís Fernando Martins Esteves. Editora Best Seller (av. Brig. Faria Lima, 2000, São Paulo; CEP 01452). 461 páginas.

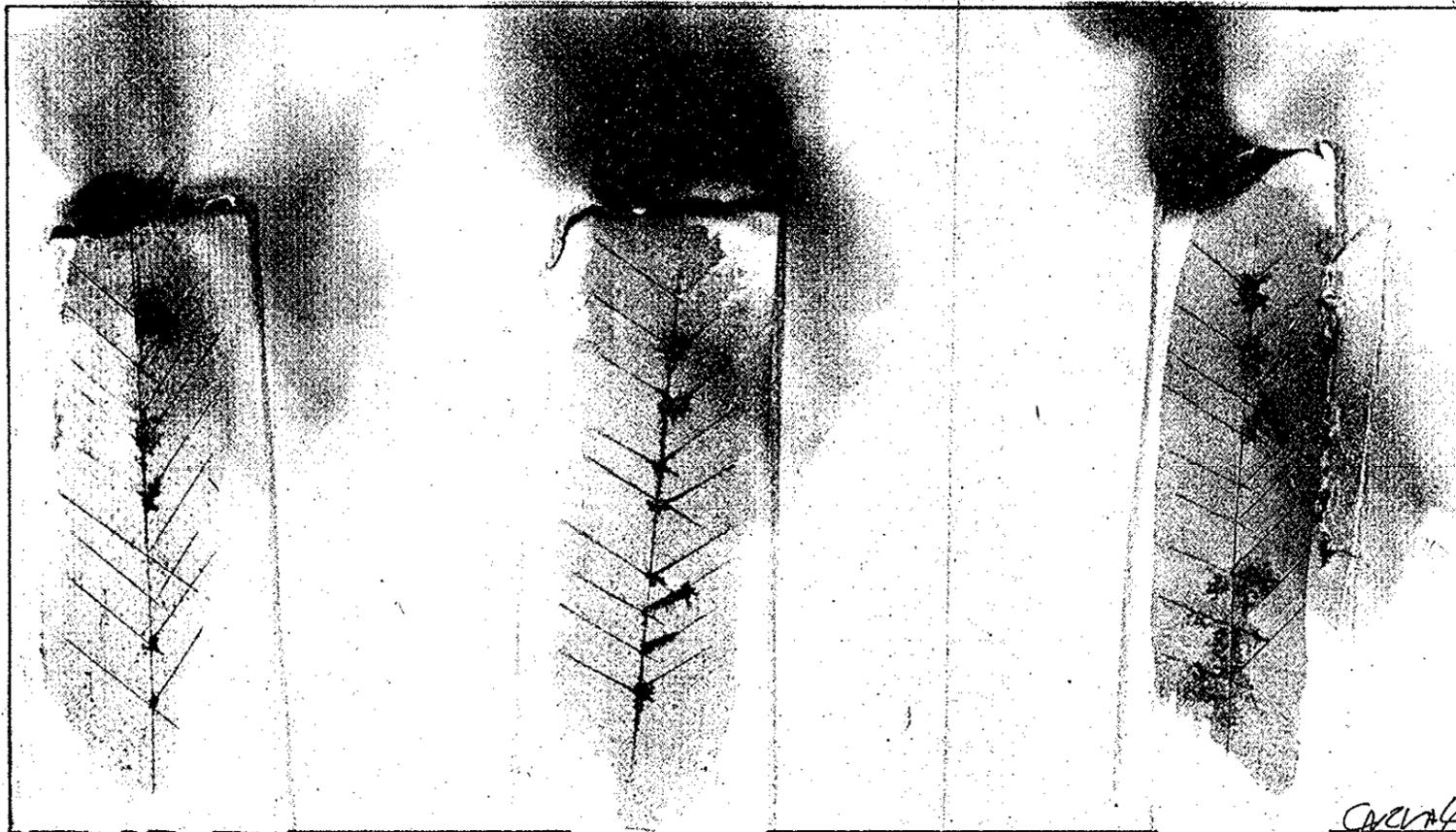
Na noite de 22 de dezembro de 1988, na cidadezinha de Xapuri, no remoto Estado do Acre, Francisco (Chico) Mendes Filho saiu de seu chalé de madeira para levar um tiro de espingarda. Ao desaparecer na escuridão, o assassino na certa acreditava que o assassinato do líder sindical acabaria impune e praticamente esquecido, assim como a morte de outros mil brasileiros em disputas fundiárias na década de 80. Mas para consternação dos fazendeiros decididos a transformar em pastagens a zona oeste da Amazônia, aquele único tiro de espingarda ecoou no mundo inteiro.

Durante o escaldante verão de 1988, americanos e europeus começaram a dar ouvidos aos cientistas que advertiam que a queima e o desmatamento da floresta amazônica estavam contribuindo para o aquecimento gradual do planeta, fenômeno conhecido como efeito estufa. Outros cientistas diziam que uma farmácia viva estava desaparecendo em fumaça antes de se haver estudado 1% das plantas da Amazônia.

Em vida, Chico Mendes foi um sindicalista que defendia os direitos dos outros seringueiros de viverem na floresta e extrair borracha e frutos. No Acre, onde 130 fazendeiros expulsaram da floresta cerca de 100 mil seringueiros, Mendes reagiu, reunindo famílias para se pôstarem diante das serras e máquinas. Na morte, Chico Mendes, eco-mártir internacional, tornou-se o catalisador da divulgação do conceito de que a riqueza da Amazônia reside na profusão e fauna e não no seu solo fino e arenoso.

"Ao liderar a luta para preservar a Amazônia, Chico Mendes criou muitos problemas para muitos poderosos", escreve Andrew Revkin em "Tempo de Queimada, Tempo de Morte". "Ele foi para os fazendeiros da Amazônia o que Cesar Chavez foi para os reis dos cítricos na Califórnia, o que Lech Walesa foi para os gerentes dos estaleiros de Gdansk".

"Tempo de Queimada, Tempo de Morte" e "O Mundo em Chamas", de Alex Shoumatoff



—ambos em parte biografia, em parte biologia— exploram a vida de Chico Mendes no contexto da destruição da floresta amazônica. Os dois examinam de maneira interessante uma questão complexa que certamente dominará os anos 90. Claro que existe uma repetição considerável e somente os especialistas não de querer ler os dois volumes.

Dos dois, "Tempo de Queimada, Tempo de Morte" parece mais bem pesquisado e mais abrangente. Escritor especializado em natureza por profissão, Revkin revela um sólido conhecimento da ecologia amazônica. Alex Shoumatoff escreveu "O Mundo em Chamas" a partir de um artigo publicado em "Vanity Fair" e de um projeto sobre o efeito estufa. Sem apresentar o virtuosismo estilístico de outros textos recentes, Shoumatoff parece ter compilado este livro às pressas, para não deixar esfriar o interesse do mercado por Chico Mendes.

Mas não há muito sinal de que vá arrefecer o interesse pelo homem amável e modesto que um cineasta brasileiro qualificou recentemente de maior herói do século. Em maio o romancista Márcio Souza publicou "O Empate contra Chico Mendes", que servirá de roteiro para um filme da Warner Brothers. Em breve,

Chris Menges começa a filmar cenas de queimadas da floresta.

Este articulista ficou de cabelo em pé quando leu que Revkin precisou de que lhe traduzissem 120 horas de entrevistas gravadas. Mas, embora sem compreender na íntegra o que os brasileiros lhe disseram cara-a-cara, escreveu um livro admirável. Um capítulo particularmente fascinante conta a história pouco conhecida de muitos seringueiros: em 1942, enquanto os japoneses bloqueavam o acesso dos aliados aos seringais britânicos na Malásia, os Estados Unidos começaram a mandar milhares de brasileiros do Nordeste assolado pela seca para extrair borracha na Amazônia.

O livro de Revkin beneficia-se da habilidade estilística do autor. Para relatar a juventude de Chico Mendes e sua projeção no cenário internacional, valeu-se da plena cooperação dos três aliados mais próximos de Mendes: Adrian Cowell, cineasta britânico, Mary Helena Allegretti, ambientalista brasileira e presidenta do Instituto de Estudos da Amazônia, e Stephan Schwartzman, antropólogo americano que trabalha no Fundo de Defesa Ambiental. A pesquisa original de Revkin também deu vida ao mentor de Chico Mendes, Euclides Fernandes Távora, um comunista de classe média que, nos anos 60, esteve foragido dos

Sindicalista foi morto em 88

Da Redação

Chico Mendes foi morto em dezembro de 1988. Em dezembro deste ano o Tribunal do Júri de Xapuri condenou os acusados Darcy Alves Pereira e Darly Alves da Silva a 19 anos de prisão. A principal testemunha de acusação foi Genésio Ferreira da Silva, de 15 anos. Genésio trabalhou na fazenda de Darcy. Segundo seu depoimento, seu patrão mandou que o filho, Darly, matasse Chico Mendes. Após o julgamento, Ilzamar Mendes, viúva de Chico, foi ameaçada de morte.

militares. Aparecendo um dia na clareira onde a família Mendes vivia, foi Távora que apresentou o jovem e analfabeto Chico aos livros, aos jornais e à organização sindical.

Enquanto Revkin evitou o mais leve indício de primeira pessoa no seu texto, Shoumatoff percorre "O Mundo em Chamas" como

um Hunter Thompson do Terceiro Mundo. O seu relato vaga de maneira confusa pelo tempo, indo para a frente e para trás como um afluente do Amazonas. Mas o autor, que há 14 anos vem estudando a sociedade brasileira e escreveu mais três livros sobre o Brasil, sai-se muito bem ao explicar a cultura do país. Citando a inoperância brasileira, ou prostração tropical, descreve com exatidão o assassinato de Chico Mendes como uma desleixada mistura de missão e omissão:

"A Amazônia exerce um efeito suporífero. É uma grande parte do problema da inoperância... Tanta coisa conspira contra o respeito aos prazos, contra a ação. É uma luta constante simplesmente manter a consciência, reagir à entropia tropical, à paralisia letárgica, raquítica, paranóide... Tarefas como capturar infratores, mantê-los atrás das grades, reunir provas, julgá-los e mandá-los rio acima tornam-se assustadoras, e o pessoal simplesmente tem a impressão de que jamais encontrará forças para executá-las."

Mas, para ser justo, o autor registra a percepção de alguns brasileiros de que estão sendo solicitados a manter intacta a riqueza da Amazônia para atender as exigências de americanos e europeus que há muito tempo

destruíram as próprias florestas. Muitos americanos encaram a construção de uma estrada ligando o Acre ao Pacífico, através do Peru, como o começo do fim da zona oeste da Amazônia. Para muitos acreanos, essa estrada é a saída do isolamento e da estagnação econômica. Hoje, ambientalistas, economistas e funcionários governamentais enfrentam o desafio de levar o desenvolvimento econômico e um padrão de vida melhor para os habitantes da Amazônia sem eliminar a floresta. O turismo, a mineração, o corte seletivo de árvores e a coleta de frutos talvez ofereçam algumas respostas.

Em retrospectiva, a morte de Chico Mendes assinalou um ponto decisivo para a política ambiental brasileira. Respondendo a protestos nacionais e internacionais, o governo brasileiro suspendeu subsídios fiscais para a criação de fazendas na Amazônia e estabeleceu uma série de reservas de seringais no Acre. Em julho, os militares, que há muito encaram os ecologistas como uma ameaça à segurança, prometeram emprestar helicópteros para ajudar no combate aos incêndios na floresta. Os climatologistas brasileiros argumentam agora que o desmatamento da Amazônia desequilibraria o clima, pondo em risco a posição do país como segundo maior exportador mundial de alimentos, depois dos Estados Unidos.

Em junho a cidade ribeirinha de Xapuri presenciou o seu primeiro julgamento em muitos anos. Em 22 de junho, Darcy e Oloci Alves da Silva, os meio-irmãos suspeitos do assassinato de Chico Mendes, foram condenados a 12 anos de prisão por haverem disparado contra uma manifestação de protesto de seringueiros realizada em maio de 1988.

Mas os velhos hábitos resistem em Xapuri. No dia em que os irmãos Silva foram condenados, a viúva de Chico, Ilzamar, e o sucessor dele no sindicato, Osmarino Amâncio Rodrigues, receberam ameaças de morte. E no dia 10 de julho, um padre que trabalhava com os seringueiros passava de carro diante da fazenda dos irmãos quando dois tiros foram disparados. O padre, Isafas França Melo, escapou com ferimentos leves.

JAMES BROOKE é o chefe do escritório do "The New York Times" no Rio de Janeiro